

Em maio de 2025, completa-se um ano das enchentes que devastaram o estado do Rio Grande do Sul, no Brasil — episódio classificado por autoridades como “a maior catástrofe climática” da história do estado. Foram mais de 184 mortes, cerca de 2,4 milhões de pessoas afetadas, cidades inteiras destruídas, lavouras e animais dizimados.¹

Estudos indicam que o aquecimento global causado por atividades humanas, somado à ausência de infraestrutura adequada, tornou a tragédia duas vezes mais provável e aumentou sua intensidade entre 6% e 9%.²

A gravidade da crise climática e seus impactos não é um tema novo. Há décadas, estudos vêm alertando para suas causas, consequências e possibilidades de mitigação. No entanto, as catástrofes climáticas fazem parecer que antecipamos o “fim do mundo” — o mundo que supomos conhecer, com sua suposta normalidade. A questão é que, enquanto parte da população parece experimentar seus efeitos apenas agora, outras — como os povos originários do Brasil — já convivem há muito tempo com secas, desmatamentos, inundações, fome e a violência estrutural que tais transformações aprofundam.

A jornalista e defensora dos povos da floresta Eliane Brum, em *Banheiro òkôtô: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo*, lembra que, enquanto adolescentes do Norte global, inspirados por Greta Thunberg, organizavam greves climáticas denunciando o extermínio do futuro, jovens de Altamira, no Pará, já testemunhavam o auto extermínio de colegas afetados pelos impactos socioambientais da Usina Hidrelétrica de Belo Monte³ — um marco de destruição e silenciamento na região amazônica.

O que representa um “futuro apocalíptico” para a juventude europeia é, para muitos jovens brasileiros, a experiência cotidiana. O que alguns anunciam como “o fim do mundo” já se apresenta, para outros, como o “pós-fim do mundo” (BRUM, 2021, p.255).

Mais do que um diagnóstico literal, a noção de “fim do mundo” é aqui entendida como uma possibilidade de leitura e inquietação. Ela aponta para um tempo em que os referenciais de futuro e continuidade são colocados em xeque, exigindo outras formas de escuta, resistência e invenção. Em *Ideias para adiar o fim do mundo*, Ailton Krenak sugere que talvez o “fim do mundo” não seja um evento absoluto, mas uma interrupção dos modos de vida hegemônicos, “do prazer extasiante que a gente não quer perder” (KRENAK, 2019, p. 60), abrindo espaço para novas formas de existência, inspiradas na memória, no sonho e na poesia dos povos ancestrais.

É nesse cenário de colapsos — ecológicos, sociais, políticos e subjetivos — e também de criação de mundos, que esta edição da Revista DESIDADES apresenta a **Seção Temática: O Fim do Mundo para Crianças e Jovens na Atualidade**. A proposta nasceu no contexto da Jornada Comemorativa de 10 anos da revista, que teve como tema “Viver no fim do mundo? Crianças e Jovens em um mundo de esperanças e destroços”.

Reunindo contribuições de diferentes campos do conhecimento, os artigos desta seção exploram a ideia de “fim do mundo” a partir de múltiplas experiências: como vivência concreta de assassinatos e desaparecimentos de crianças e jovens; como ruptura simbólica, diante das

1 <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c72p96eqkvxo>

2 <https://apublica.org/2025/04/rio-grande-do-sul-um-ano-depois-das-enchentes-monitoramento-e-alertas-continuam-falhos/>

3 <https://xingumais.org.br/obra/uhe-belo-monte>

desesperanças atuais; e como possibilidade de reimaginar o presente e o que está por vir, por meio de invenções criativas, coletivas e também institucionais.

A seção reúne cinco artigos. São eles:

- “A infância é um luxo”, de Berenice Bento
- “Algo de novo: pesquisa e formação na área da infância, adolescência e juventude”, de Flávia Ferreira Pires
- “Fim do Mundo Infinito”, de Rita Marisa Ribes Pereira
- “Violência Armada e Desaparecimentos Forçados na Baixada Fluminense: a política de morte contra crianças, adolescentes e jovens”, de Marcelo Princeswal e Bernardo Bittencourt Suprani
- “O mundo do fim para crianças, adolescentes e jovens”, de Daniel Péricles Arruda

Esta edição também conta com três artigos publicados na **Seção Livre**: Amanda Dourado Souza Akahosi Fernandes, Maria Cristina Ventura Couto, Barbara Costa Andrada e Pedro Gabriel Godinho Delgado assinam o artigo “A expansão do diagnóstico de autismo no contexto brasileiro atual: incidência nas políticas públicas e na organização do cuidado”; Wilka Francinara Alcântara França e Judith Zuquim são as autoras de “Jovens privados de liberdade e o direito à participação”; e, por fim, o artigo “Reintegração familiar e medida de acolhimento institucional: (in)decisões judiciais e Psicologia Jurídica” é de autoria de Ana de Araújo Xavier, Laura Ferro Bento, Rúbia Gonçalves dos Anjos e Laura Cristina Eiras Coelho Soares.

A seção **Espaço Aberto** inaugura, nesta edição, a possibilidade de receber vídeos realizados em eventos científicos e apresenta o evento “AS CRIANÇAS FALAM? Mobilizações públicas acerca do recreio escolar”, que ocorreu em 5 de novembro de 2024, em parceria com a EMERJ e com apoio da FAPERJ e do CNPq. O evento discutiu a demanda política de estudantes das escolas municipais acerca da (falta de) espaço e tempo para o recreio escolar, buscando dar visibilidade a essa reivindicação. Contou com a participação de estudantes, professores, juízes, profissionais do direito e pesquisadores.

Na seção de **Informações Bibliográficas**, Rocio Paloma Aveleyra e Melina Damiana Varela escreveram a resenha “La historia de la Revista Billiken: Imaginarios escolares, culturales, generacionales y nacionales entre 1919 y 2019”, sobre o livro *La historia de Billiken. Cultura infantil y ciudadanía en la Argentina, 1919-2019*, de Lauren Rea.

E, para finalizar a edição, trazemos o levantamento de 19 obras encontradas nas áreas das ciências humanas e sociais dos países da América Latina sobre infância, adolescência e juventude, no período de dezembro de 2024 a abril de 2025.

Desejamos que tenham uma proveitosa leitura desta edição!

Juliana Siqueira de Lara
Editora Associada

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUM, E. **Banheiro òkôtô**: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

En mayo de 2025, se completa un año de las inundaciones que devastaron el estado de Rio Grande do Sul, en Brasil – episodio clasificado por las autoridades como “la mayor catástrofe climática” de la historia del estado. Fueron más de 184 muertes, cerca de 2,4 millones de personas afectadas, ciudades enteras destruidas, cultivos y animales diezmados.¹

Estudios indican que el calentamiento global causado por las actividades humanas, sumado a la ausencia de infraestructura adecuada, tornó la tragedia dos veces más probable y aumentó su intensidad entre 6% y 9%.²

La gravedad de la crisis climática y sus impactos no es un tema nuevo. Hace décadas, estudios vienen alertando sobre sus causas, consecuencias y posibilidades de mitigación. Sin embargo, las catástrofes climáticas hacen parecer que anticipamos el “fin del mundo” – el mundo que suponemos conocer, con su supuesta normalidad. El problema es que, mientras parte de la población parece empezar a conocer sus efectos solamente ahora, otras – como los pueblos originarios de Brasil – ya conviven hace mucho tiempo con las sequías, deforestación, inundaciones, hambre y violencia estructural que tales transformaciones profundizan.

La periodista y defensora de los pueblos de la selva Eliane Brum, en *Banzeiro òkòtò: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo*, recuerda que, mientras adolescentes del Norte global, inspirados en Greta Thunberg, organizaban huelgas climáticas denunciando el exterminio del futuro, jóvenes de Altamira, en el estado brasileño de Pará, ya atestiguaban el auto exterminio de compañeros afectados por los impactos socioambientales de la Usina Hidroeléctrica de Belo Monte³ — un marco de destrucción y silenciamiento en la región amazónica.

Lo que representa un “futuro apocalíptico” para la juventud europea es, para muchos jóvenes brasileños, la experiencia cotidiana. Lo que algunos anuncian como “el fin del mundo” ya se presenta, para otros, como el “post fin del mundo” (BRUM, 2021, p.255).

Más que un diagnóstico literal, la noción de “fin del mundo” es entendida aquí como una posibilidad de lectura e inquietación. Apunta hacia un tiempo en que las referencias de futuro y continuidad son colocadas en jaque, exigiendo otras formas de escucha, resistencia e invención. En *Ideias para adiar o fim do mundo*, Ailton Krenak sugiere que tal vez el “fin del mundo” no sea un evento absoluto, sino una interrupción de los modos de vida hegemónicos, “del placer extático que las personas no quieren perder” (KRENAK, 2019, p. 60), abriendo espacio para nuevas formas de existencia, inspiradas en la memoria, en el sueño y en la poesía de los pueblos ancestrales.

Es en este escenario de colapsos – ecológicos, sociales, políticos y subjetivos – y también de creación de mundos, que esta edición de la Revista DESIDADES presenta la **Sección Temática: El fin del Mundo para Niños, Niñas y Jóvenes en la Actualidad**. La propuesta nació en el contexto de la Jornada Conmemorativa de 10 años de la revista, que tuvo como tema “¿Vivir en el fin del mundo? Niños, niñas y jóvenes en un mundo de esperanzas y destrozos”.

Reuniendo contribuciones de diferentes campos del conocimiento, los artículos de esta sección exploran la idea de “fin del mundo” a partir de múltiples experiencias: como vivencia concreta de asesinatos y desapariciones de niños, niñas y jóvenes; como ruptura simbólica, delante de las

1 <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c72p96eqkvxo>

2 <https://apublica.org/2025/04/rio-grande-do-sul-um-ano-depois-das-enchentes-monitoramento-e-alertas-continuum-falhos/>

3 <https://xingumais.org.br/obra/uhe-belo-monte>

desesperanzas actuales; y como posibilidad de re-imaginar el presente y lo que está por venir, mediante invenciones creativas, colectivas y también institucionales.

La sección reúne cinco artículos, siendo ellos:

- “*A infância é um luxo*”, de Berenice Bento.
- “*Algo de novo: pesquisa e formação na área da infância, adolescência e juventude*”, de Flávia Ferreira Pires.
- “*Fim do Mundo Infinito*”, de Rita Marisa Ribes Pereira.
- “*Violência Armada e Desaparecimentos Forçados na Baixada Fluminense: a política de morte contra crianças, adolescentes e jovens*”, de Marcelo Princeswal y Bernardo Bittencourt Suprani
- “*O mundo do fim para crianças, adolescentes e jovens*”, de Daniel Péricles Arruda

Esta edición también cuenta con tres artículos publicados en la **Sección Libre**: Amanda Dourado Souza Akahosi Fernandes, Maria Cristina Ventura Couto, Barbara Costa Andrada y Pedro Gabriel Godinho Delgado firman el artículo “*A expansão do diagnóstico de autismo no contexto brasileiro atual: incidência nas políticas públicas e na organização do cuidado*”; Wilka Francinara Alcântara França y Judith Zuquim son las autoras de “*Jovens privados de liberdade e o direito à participação*”; y, finalmente, el artículo “*Reintegração familiar e medida de acolhimento institucional: (in)decisões judiciais e Psicologia Jurídica*” es de la autoría de Ana de Araújo Xavier, Laura Ferro Bento, Rúbia Gonçalves dos Anjos y Laura Cristina Eiras Coelho Soares.

La sección **Espacio Abierto** inaugura, en esta edición, la posibilidad de recibir videos realizados en eventos científicos y presenta el evento “*AS CRIANÇAS FALAM? Mobilizações públicas acerca do recreio escolar*”, que sucedió el 5 de noviembre de 2024, en colaboración con la EMERJ y con el apoyo de la FAPERJ y del CNPq. El evento discutió la demanda política de estudiantes de escuelas municipales acerca de la (falta de) espacio y tiempo para el recreo escolar, buscando dar visibilidad a esta reivindicación. Contó con la participación de estudiantes, profesores, jueves, profesionales del derecho e investigadores.

En la sección de **Informaciones Bibliográficas**, Rocío Paloma Aveleyra y Melina Damiana Varela escribieron la reseña “*La historia de la Revista Billiken: Imaginarios escolares, culturales, generacionales y nacionales entre 1919 y 2019*”, sobre el libro *La historia de Billiken. Cultura infantil y ciudadanía en la Argentina, 1919-2019*, de Lauren Rea.

Y, para finalizar la edición, traemos el relevamiento de 19 obras encontradas en las áreas de las ciencias humanas y sociales de los países de América Latina sobre infancia, adolescencia y juventud, en el período entre diciembre de 2024 hasta abril de 2025.

¡Deseamos que tengan una provechosa lectura de esta edición!

Juliana Siqueira de Lara
Editora Asociada

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUM, E. **Banzeiro òkòtò**: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.